



SEÇÃO: DISCURSOS DISCRIMINATÓRIOS COMO FRATURA DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Ligações perigosas: uma análise discursiva sobre o humor na reprodução da violência contra a mulher

Dangerous liaisons: a discursive analysis of humor in the reproduction of violence against women

Las amistades peligrosas: un análisis discursivo del humor en la reproducción de la violencia contra la mujer

Bruna Vitória Tejada¹

orcid.org/0000-0002-1194-2402
brunaatejada@gmail.com

Luciana Iost Vinhas²

orcid.org/0000-0003-1026-2277
luciana.vinhas@ufrgs.br

Recebido em: 15 jul. 2022.

Aprovado em: 21 nov. 2022.

Publicado em: 11 jan. 2023.

Resumo: Na formação social atual, dominada pelo capitalismo em sua versão neoliberal, notícias referentes a práticas de reprodução da violência contra a mulher têm se tornado frequentes. Essas práticas ganham diferentes formas, sendo possível, inclusive, observar a reprodução dessa violência através do discurso humorístico, naturalizado socialmente como espaço onde tudo pode ser dito. Tomamos como centro da nossa discussão sobre a relação entre violência contra a mulher e discurso um vídeo produzido por um humorista brasileiro, no qual, através do modo riso, coloca em circulação discursos que mantêm a relação de dominação calcada na diferença entre homem e mulher. O presente estudo apresenta como objetivo principal refletir sobre a relação entre humor, violência contra a mulher e funcionamento discursivo, tendo como objeto o vídeo produzido por Danilo Gentili em resposta à deputada Maria do Rosário. Para a discussão, mobilizamos autores de diferentes campos do conhecimento, os quais trabalham teoricamente com a questão da violência, para, em diálogo com o material de análise, desenvolver uma concepção discursiva sobre a opressão de gênero, em relação com as modalidades de subjetivação propostas por Michel Pêcheux. Tal proposta se alinha à questão mais ampla colocada em jogo no estudo, a saber, a forma naturalizada como discursos discriminatórios (e, portanto, violentos) são colocados em circulação na formação social brasileira. Apesar das diferentes opressões a que as mulheres são submetidas, entendemos que a resistência ainda é possível de ocorrer, através de diferentes práticas que permitem a reivindicação pelo fim das diferentes violências que circundam o ser mulher nesta sociedade.

Palavras-chave: violência; mulheres; análise materialista do discurso; humor; resistência.

Abstract: In the current social formation, dominated by capitalism in its neoliberal version, news referring to practices of reproduction of violence against women have become frequent. These practices take different forms, and it is even possible to observe the reproduction of this violence through humorous discourse, socially naturalized as a space where everything can be said. We take as the center of our discussion on the relationship between violence against women and discourse a video produced by a Brazilian comedian, in which, through the laughter mode, he puts into circulation discourses that maintain the relationship of domination based on the difference between men and women. The main objective of this study is to reflect on the relationship between humor, violence against women, and discursive functioning, having as object the video produced by Danilo Gentili in response to the congresswoman Maria do Rosário. For the discussion, we mobilized authors from different fields of knowledge, who theoretically work with the issue of violence, to, in dialogue with the material of analysis, develop a discursive conception of gender oppression, in relation



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

to the modalities of subjectivation created by Michel Pécheux. This proposal is in line with the broader issue at stake in the study, namely, the naturalized way in which discriminatory (and therefore violent) discourses are put into circulation in the Brazilian social formation. Despite the different oppressions to which women are subjected, we understand that resistance is still possible, through different practices that allow the claim for the end of the different violences that surround being a woman in this society.

Keywords: violence; women; materialist discourse analysis; humor; resistance.

Resumen: En la formación social actual, dominada por el capitalismo en su versión neoliberal, se han vuelto frecuentes las noticias referidas a prácticas de reproducción de la violencia contra las mujeres. Estas prácticas toman diferentes formas, e incluso es posible observar la reproducción de esta violencia a través del discurso humorístico, naturalizado socialmente como un espacio donde todo se puede decir. Tomamos como centro de nuestra discusión sobre la relación entre la violencia contra la mujer y el discurso un video producido por un comediante brasileño, en el que, a través de la risa, pone en circulación discursos que mantienen la relación de dominación a partir de la diferencia entre el hombre y la mujer. El objetivo principal de este estudio es reflexionar sobre la relación entre el humor, la violencia contra la mujer y el funcionamiento discursivo, teniendo como objeto el video producido por Danilo Gentili en respuesta a la diputada Maria do Rosário. Para la discusión, movilizamos autores de diferentes campos del saber, que teóricamente trabajan con el tema de la violencia, para, en diálogo con el material de análisis, desarrollar una concepción discursiva de la opresión de género, en relación con las modalidades de subjetivación propuestas por Michel Pécheux. Esta propuesta está en línea con la cuestión más amplia en juego en el estudio, a saber, la forma naturalizada en que los discursos discriminatorios (y, por lo tanto, violentos) se ponen en circulación en la formación social brasileña. A pesar de las diferentes opresiones a las que son sometidas las mujeres, entendemos que la resistencia aún es posible, a través de diferentes prácticas que permitan reivindicar el fin de las diferentes violencias que envuelven el ser mujer en esta sociedad.

Palabras clave: violencia; mujeres; análisis materialista del discurso; humor; resistencia.

Introdução

Nos meses de junho e julho de 2022, diferentes notícias envolvendo violência de gênero foram divulgadas maciçamente nas mídias. A gravidez decorrente de um estupro de uma menina de 11 anos foi objeto do trabalho de uma juíza e de uma promotora de Santa Catarina que, ao conduzir a menina à decisão de manter a gravidez, colocaram a criança (de 11 anos) em risco pelo

prolongamento da gestação.² A violência se materializa tanto em ato, com o estupro da menina, quanto de forma simbólica, com o assédio das representantes da justiça, e a mídia faz circular esses enunciados de forma intensa, tornando-se impossível sair desse ciclo de reprodução da violência.

Por outro lado, uma jovem sofre o estupro, assim como a menina de 11 anos, e decide manter a gestação do feto com o objetivo de disponibilizá-lo para adoção. Essa jovem, atriz da Rede Globo, é objeto de críticas pela decisão de realizar a entrega direta da criança para a adoção, após o parto. É assediada por membros da equipe médica que a atendeu e pela mídia, mesmo estando em situação de alta vulnerabilidade emocional.

Ainda, resta relatar o caso de mulheres que, durante o procedimento de parto através de cesárea, com a necessidade de aplicação de anestesia para impedir a dor do corte e da extração do bebê do útero, foram vítimas de estupro, inconscientes, durante o parto, por um médico anesthesiologista. Durante o parto, em uma sala com médicas e enfermeiras, o anesthesiologista colocava o pênis na boca da mulher e a estuprava.

Essas três ocorrências relatam experiências de violência ocorridas em ato, tendo o estupro como a prática máxima dessa violência. Assim, em poucos meses, temos diferentes justificativas socialmente situadas para apresentarmos uma proposta de reflexão sobre a relação entre violência e gênero por uma perspectiva discursiva. Vamos falar, aqui, de uma forma mais sutil de violência, mas que, segundo nossa compreensão, possui papel determinante na forma como outras violências passam a ser legitimadas em nossa formação social. Assim, embora não estejamos falando sobre o estupro de forma direta, nossa análise também abrange tal questão, que se materializa nos enunciados produzidos por um humorista em um vídeo que postou no YouTube.

O presente estudo apresenta como objetivo principal refletir sobre a relação entre humor, violência contra a mulher e funcionamento dis-

² Decidimos não disponibilizar, em nota de rodapé, os links das notícias referidas ao longo do presente texto, como é de costume fazer em artigos científicos, a fim de tentar diminuir a reprodução da violência através do excesso de circulação dessas notícias.

cursivo, tendo como objeto o vídeo produzido por Danilo Gentili em resposta a uma intimação extrajudicial enviada da parte da deputada Maria do Rosário, no qual o humorista manifesta repúdio à intimação e reproduz o que estamos entendendo como violência de gênero. Para a discussão, mobilizamos autores de diferentes campos do conhecimento, os quais trabalham teoricamente com a questão da violência, para, em diálogo com o material de análise, desenvolver uma concepção discursiva sobre a opressão de gênero, em relação com as modalidades de subjetivação propostas por Michel Pêcheux. Desse modo, trazemos, na seção a seguir, uma teorização sobre violência contra a mulher e discurso, tomando como eixo da discussão o vídeo de Danilo Gentili. A articulação entre a teorização e o material de análise é feita ao longo do texto, conforme pode ser observado abaixo.

Elementos sociais, históricos e ideológicos na dominação discursiva e na reprodução da violência contra a mulher

A violência de gênero geralmente é praticada pela identidade de gênero hegemônica contra as identidades não hegemônicas, sendo a identidade de gênero hegemônica considerada os homens cisgênero. Essa violência de gênero também é reproduzida contra pessoas identificadas com orientações sexuais não hetero, afetando pessoas homossexuais, bissexuais, assexuais e pansexuais. Isso significa que, na nossa formação social, os homens cishetero são os representantes da dominação de gênero, o que pode provocar a materialização de diferentes tipos de violência para com os grupos considerados minoritários. Assim, a violência de gênero é exercida contra aquelas pessoas que ousam subverter os saberes hegemônicos da ideologia cisheteronormativa, que tem como pressuposto a identificação do sujeito com o gênero atribuído em seu nascimento, bem como o desenvolvimento da heterossexualidade na maturidade.

Nesta proposta de reflexão, abordaremos, especificamente, a violência cometida contra

sujeitos que se identificam como mulheres, independentemente da orientação sexual. A violência contra as mulheres é um problema de tamanha complexidade em nossa sociedade que já foi temática de inúmeros trabalhos em diversas áreas de conhecimento. No entanto, apesar dos crescentes avanços, as mulheres ainda se encontram, em nossa formação social, em posição de opressão em relação aos homens.

Tomamos como centro da nossa discussão sobre a relação entre violência contra a mulher e discurso um vídeo produzido e publicado pelo humorista brasileiro Danilo Gentili no ano de 2017. Esse vídeo funciona como resposta a uma ação extrajudicial movida pela deputada federal Maria do Rosário junto à Procuradoria Parlamentar da Câmara dos Deputados. O documento extrajudicial consistia em uma tentativa de conciliação. Nele constava o pedido para que Gentili apagasse determinados comentários realizados na rede social Twitter considerados ofensivos à Maria do Rosário. Tais comentários, segundo a deputada, desencadearam contra ela uma série de ameaças, devido à grande popularidade do humorista. Este, não considerando essa medida uma tentativa de conciliação, mas uma tentativa de censura à sua liberdade de expressão, investe de forma ainda mais agressiva contra a deputada. Para este texto, selecionamos dois momentos da produção do humorista.

O primeiro momento refere-se ao gesto que Danilo realiza sobre o significante *deputada*. Ao apontar para a câmera a notificação com o nome da remetente (Maria do Rosário) seguido do cargo que ocupa no governo federal (deputada), o comediante cobre com o dedo indicador e médio as sílabas *de* e *da* constituintes da palavra *deputada*, deixando à mostra somente as sílabas *pu* e *ta*, criando uma nova designação para o nome Maria do Rosário. A designação, no entanto, não é de fato enunciada; no âmbito de uma sintaxe visual, ela fica no nível da sugestão, promovendo escárnio sobre seu alvo.

O segundo momento que nos move a pensar sobre a violência de gênero nessa produção é referente a quando o humorista rasga os papéis

da notificação, os coloca dentro de suas calças e depois os reenvia à deputada. No envelope que contém os papéis rasgados e adulterados pelo gesto com o pênis, ele escreve "com cheirinho especial" e, depois de despachá-lo, enuncia o seguinte: "Sendo assim, Maria do Rosário, chegando a minha cartinha, abre ela, tira o conteúdo, sintá aquele cheirinho do meu saco e abra a bunda e enfie bem no meio dela tudo isso aí que eu tô mandando aí pra você". É importante dizer que enquanto o humorista coloca os papéis dentro das calças é introduzida a 9ª Sinfonia de Beethoven, comumente entendida como uma ode à humanidade e aos ideais de fraternidade e liberdade de todas as pessoas. Em nosso *corpus* ela é empregada para representar como um grande momento a resposta do humorista à deputada, o gesto de Danilo com os papéis. Da incongruência entre um gesto esdrúxulo e o ilustre da sinfonia surge o riso.

Pela publicação do vídeo, em abril de 2019, o humorista foi condenado por injúria contra Maria do Rosário com pena estabelecida em seis meses e vinte e oito dias de detenção em regime semiaberto, mas, em abril de 2021, teve sua pena anulada sob entendimento de que houve, na sentença anterior, violação do princípio constitucional do contraditório. Há um ponto que se destaca nessa situação: na gravação do vídeo, durante a execução do que entendemos como um gesto de violência contra Maria do Rosário, Danilo recorre às estratégias do discurso humorístico, o que nos leva a investigar a possibilidade de um vínculo entre o humor e a violência contra as mulheres.

Começamos nossa discussão, pela concepção discursiva considerando a violência em um amplo processo discursivo:

[...] trata-se de um conjunto de gestos de violência que, pela evidência ideológica da formação social capitalista, corroboram e legitimam desigualdades de toda ordem, seja de classe, de raça e/ou de gênero, que atuam não ape-

nas no sentido de verticalizar/hierarquizar as relações, mas também de cristalizar os efeitos de superioridade e inferioridade colocados em jogo no discurso de um sujeito ou grupo sobre outro (LUNKES, 2019, p. 193-194).

No que diz respeito às questões de gênero, ser identificada pelo gênero hegemônico como mulher já coloca o sujeito em uma relação de violência. Essa identificação constitui motivação para o investimento de práticas de violência, posto que está cristalizada em nossa formação social a subjugação do não hegemônico ao gênero dominante, e, ao encontrar a resistência, este pode retornar com violência para submetê-los ou extingui-los. A violência é mobilizada no discurso pelos efeitos de evidência que constroem os sujeitos reprodutores da violência, bem como aqueles que a recebem.

Strey e Werba (2012, p. 74) referem-se à violência de gênero como "ações ou circunstâncias que submetem unidirecionalmente, física e/ou emocionalmente, visível e/ou invisivelmente as pessoas em função de seu sexo". A violência de gênero em nossa sociedade designa o emprego da violência como um instrumento a favor da dominação masculina, abarcando sentidos de diferentes práticas que visam à subjugação da mulher, desde as práticas mais perceptíveis, como as agressões físicas, que, muitas vezes, culminam em assassinatos, até as mais sutis, como a humilhação, o escárnio e a ironia.

Partimos da compreensão de que esse cenário não será modificado se a violência estrutural invisibilizada não for abordada; é por isso que nosso interesse se direciona para a violência travestida de piada. Entendemos que o humor pode funcionar como um aliado aos discursos de ódio. Com o pretexto do riso e protegidos pela comédia, os sujeitos reproduzem diferentes violências. O bom sujeito da formação discursiva (FD) machista³ se vale dos mecanismos discursivos do humor para que os sentidos da FD possam continuar circulando. Essa FD garante a reprodução da vio-

³ Conforme será relatado no decorrer do trabalho, consideramos que a reprodução da violência contra a mulher pode ser explicada através da identificação do sujeito que pratica a violência com uma FD machista. Assim, a reprodução de práticas de violência não escapa ao ritual de interpelação ideológica. Cabe realizar este comentário, pois, nas práticas de análise realizadas no âmbito da Análise Materialista de Discurso, a configuração da FD de identificação se dá durante o processo de descrição e interpretação do *corpus*. Aqui, estamos adiantando a conclusão a que se chega nesse movimento dialético operado entre teoria e análise.

lência por meio de estratégias humorísticas. Em razão disso, discursos misóginos que não seriam admitidos sob o modo sério ganham circulação sob o modo humor.

No final do século XX, o Brasil, pressionado pela emergência dos movimentos feministas, necessitava responder diante da violência exercida contra a mulher, o que resultou na ratificação, em 1995, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Eliminar a Violência Contra a Mulher, em Belém do Pará. No mesmo ano, a ONU se posiciona sobre a violência exercida contra as mulheres, caracterizando-a como violação dos direitos humanos. Desde então, muitas políticas foram criadas com o objetivo de erradicar a violência de gênero; no entanto, Han (2017, p. 7) nos alerta para o fato de que "há coisas que não desaparecem: dentre elas está a violência". De tempos em tempos, modificam-se apenas suas formas de manifestação, ora mais sutil, ora mais explícita.

Entendemos que certos saberes passaram a ser recalcados diante da ascensão dos movimentos feministas que organizaram a luta das mulheres por direitos dentro de uma conjuntura patriarcal. No momento atual, discursos misóginos vinculados ao humor seguem circulando, apesar das reivindicações das mulheres, de modo que a condenação de Danilo Gentili gerou ainda mais agressões à deputada Maria do Rosário. A misoginia no humor não tem a comoção gerada sob o modo sério porque é mais sutil, e é isso que garante ao humorista continuar reproduzindo a violência.

Há poucos anos, durante o carnaval, circulavam fantasias que remontavam ao feminicídio de Eliza Samudio, articulado pelo goleiro Bruno de Souza. Encontramos a imagem de um homem com uma camiseta na qual lia-se "Bruno", possuindo em suas mãos um saco de lixo preto etiquetado como "Eliza" e, ao seu lado, posavam três mulheres também em "fantasias". O humor legitima essas práticas e permite que elas circulem de forma natural. Práticas desse tipo corroboraram para que, algum tempo depois, Bruno fosse contratado para o comercial de divulgação de um canil. É

de conhecimento público que o corpo de Eliza nunca foi encontrado e a tese da promotora é de que o corpo tenha sido destinado aos cães que viviam no sítio no qual foi assassinada. Parece, de fato, piada que esse comercial tenha ocorrido, mas não o é e a mulher continua sendo violentada mesmo após sua morte – na forma de riso. O humor evidencia a violência como piada para que os efeitos humorísticos se sobreponham aos efeitos de violência e, assim, ela possa continuar sendo reproduzida.

Apesar dos progressos atingidos pelas ditas minorias na instauração de práticas mais igualitárias, a violência não some das relações sociais, e, até mesmo, talvez nunca possa ser erradicada; compreendemos que apenas há um deslocamento na forma como se materializa. Parece-nos que, perante um conservadorismo emergente em nosso país, essa violência volta a se apresentar de forma mais explícita, sendo legitimada por sujeitos que ocupam lugar dominante em nossa formação social.

Em uma sociedade assentada sobre o molde da violência, para a reflexão sobre este fenômeno, parece-nos importante chamar os estudos de Arendt (2009) por sua delimitação do conceito de violência. De acordo com a autora, a violência não é inata ao ser humano, não é uma propriedade biológica que se manifesta no homem como no reino animal. Entendê-la sob uma perspectiva orgânica é demasiado perigoso na medida em que, enquanto processo natural, atribui-se certa glorificação à violência, como se a violência coletiva correspondesse à violência pela subsistência no reino animal. Segundo a filósofa, "a violência não é nem bestial nem irracional" (ARENDR, 2009, p. 81); a violência é instrumental e visa a objetivos específicos.

Arendt (2009, p. 51) aborda a "violência como um fenômeno em si mesmo", diferente do poder, mas frequentemente relacionada a este, daí a tendência em confundi-los como sinônimos ou como derivados um do outro. O poder é caracterizado pela autora como "correspondente à habilidade humana não apenas para agir, mas também para agir em concerto" (ARENDR, 2009, p.

60). O poder, assim, não é individual, é coletivo, e sua legitimidade é validada pela sustentação do grupo. A violência, por sua vez, especifica-se por seu "caráter instrumental" (ARENDT, 2009, p. 63), pela necessidade de justificação, e é geralmente empregada quando o poder já não é legítimo.

Pensando sobre as condições que resultaram em nosso *corpus* de análise, entendemos que a notificação recebida pelo humorista solicitando o apagamento de alguns *tweets* é percebida como uma forma de humilhação decorrente da perda de poder. Não se esperava que a deputada questionasse seu poder para subjugar-la solicitando o apagamento das publicações ofensivas, o que faz com que o humorista recorra à violência. Ele sabe, contudo, que a violência não deve ser explicitamente misógina, pois muitos segmentos da sociedade têm condenado essa prática de ódio, então a molda às estratégias do discurso humorístico que vai evidenciá-la como piada para que possa ser executada e reproduzida por seus apoiadores, restituindo-lhe o poder que foi ameaçado pelo documento oficial enquanto ato de resistência da deputada.

Segundo Arendt (2009, p. 73), "poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder está em risco, mas, deixada a seu próprio curso, conduz à desaparecimento do poder". As relações de poder que estavam organizadas em torno do homem são desestabilizadas e, diante da ameaça de perder poder, de perder privilégios, a ferramenta da violência é alçada. Em outras palavras, o sujeito deixa de ocupar uma posição de dominância e recorre à violência contra a mulher, característica de nossa formação social atual, perante a ameaça de declinar da posição privilegiada que ocupa nas relações de força.

As relações de força, na perspectiva discursiva, estabelecem quem fala e quem silencia, a que discurso atribuir ou não valor; da posição discursiva dominante o sujeito tem mais valor do que quando na posição subjugada. Segundo Orlandi (2001, p. 39), "como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes

lugares, que se fazem valer na 'comunicação'". Em nossas configurações sociais, as relações de gênero são historicamente hierarquizadas e, no topo da hierarquia dos gêneros, está o homem cisheteronormatizado. Esse lugar de autoridade ressoa em seus discursos, atribuindo-lhe legitimidade, garantindo-lhe escuta.

Na hierarquia das relações de força, Maria do Rosário ocupa uma posição privilegiada em relação a Danilo, pois ela é deputada e ele é humorista. Entretanto, no que concerne ao gênero, e o gênero molda todas as nossas relações, ela perde poder e ele ganha. Por mais que as mulheres conquistem postos de poder, elas nunca estão imunes à violência e o homem, sempre que sentir-se subjugado, irá recorrer às relações de força que constituem o gênero para retomar sua posição de superioridade. Pensando sobre o processo de produção do vídeo, entendemos que o gênero determinou, em última instância, qual discurso teria maior força: o discurso da deputada, valendo-se da força de seu posto, ou o discurso do humorista, valendo-se da força de sua posição enquanto gênero hegemônico. Em razão dessa hierarquia discursiva, Danilo se vale de um gesto que simboliza sua superioridade enquanto homem para concretizar a violência; Danilo, pelo gesto, lembra a Maria do Rosário quem fala e quem silencia nas relações de gênero.

Orlandi (2001, p. 40) diz que "a fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno" em razão do lugar que ocupa e, de acordo com nosso entendimento, podemos dizer que a fala do homem vale (significa) mais do que a da mulher. Podemos citar como exemplo o que costuma acontecer quando a mulher assediada faz uma denúncia: ela é desacreditada ou culpabilizada, garantindo ao homem o direito da dúvida, mas não à mulher a legitimidade de sua denúncia. As delegacias de atendimento especializado na mulher surgem na tentativa de garantir que a posição subjugada nas relações de dominância pelo gênero possa falar e, quando falar, que seja ouvida e atendida. As relações de força constituintes dessa hierarquização são trabalhadas pela ideologia do patriarcado com vistas à sua reprodução.

Apesar de constituírem fenômenos distintos, a combinação de poder e violência é bastante comum. No que concerne às relações entre homens e mulheres, podemos dizer que se estabeleceram por meio da opressão e da exploração. Foi dado poder de dominação aos homens sobre as mulheres e este poder foi legitimado pela sociedade durante muito tempo por meio de aparelhos ideológicos, aqui entendidos conforme Althusser (1985). Esses aparelhos podem se materializar em instituições, tais como a família, a religião e a escola. Na medida em que o poder passa a ser pelas mulheres, recorre-se à violência para manter essas subjugações, sendo empregada de variadas formas, desde aquelas mais visíveis até as mais sutis. Conforme Arendt (2009, p. 108),

cada diminuição no poder é um convite à violência - pelo menos porque aqueles que detêm o poder e o sentem escapar de suas mãos, sejam eles os governantes, sejam eles os governados, têm sempre achado difícil resistir à tentação de substituí-lo pela violência.

O poder precisa, então, para sua legitimação, respaldar-se na ideologia hegemônica, pois necessita de apoio coletivo. Desse ponto de vista, pensando nas condições de produção sócio-histórico-ideológicas atuais, a sustentação do poder está vinculada à quantidade de seguidores nas redes sociais dispostos a legitimá-lo e, no que diz respeito a números, Danilo os possui muito mais do que Maria do Rosário. O humorista está todas as noites na rede de televisão aberta desde 2014 e conta com 17,2 milhões de seguidores somente na plataforma do Twitter. Maria do Rosário, em contrapartida, consolidou sua trajetória na política brasileira, mas conta com pouco mais de 467 mil seguidores na mesma plataforma. Esses números conferem poder a Danilo para destruir um documento oficial e publicar o registro desse momento na rede mundial de computadores, assegurando a visibilidade, replicabilidade e durabilidade dessa agressão; ele conta com a validação e proteção de seu público para fazer o que faz. O humorista poderia ter gravado a agressão e enviado somente à deputada como forma de retaliação pela notificação, mas os efei-

tos seriam outros. Danilo quer que seu público o veja agredindo a deputada e colabore com sua aprovação ao vídeo.

Considerando que o poder depende de números, depende da sustentação do grupo, concebemos o vínculo entre misoginia e humor como um modo de obter mais números (mais poder), pois, sob esse modo, ela vai se reproduzindo de forma despercebida até mesmo pela resistência, e sem resistência ela se espalha na sociedade. Percebemos que, considerando as relações de força propostas por Orlandi ou o apoio coletivo proposto por Arendt, em ambos os cenários Maria do Rosário está em uma posição subordinada à posição de Danilo. Em nossa formação social, a dominação dos homens sobre as mulheres é legitimada pela ideologia hegemônica patriarcal que tem o homem como centro das relações de poder.

Dadas as considerações até agora expostas, vamos tentar visualizar a forma como a violência contra a mulher é reproduzida segundo a elaboração teórico-analítica da tradição pêcheuxiana de Análise do Discurso. Para isso, compreendemos como necessário realizar uma aproximação dos pressupostos da teoria concernentes às modalidades de subjetivação à forma como a violência se torna possível de ser reproduzida.

O questionamento do poder, no entanto, é possível a partir do que Pêcheux (1997) denomina como relações de contraidentificação e desidentificação do sujeito em relação à ideologia. O autor estabelece três modalidades de posição do sujeito em relação à FD. Na primeira modalidade, há a identificação do sujeito com os saberes da FD. A ela corresponde o discurso do "bom sujeito", quando há "superposição *entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal*" (PÊCHEUX, 1997, p. 215, grifo do autor); logo, os saberes da FD são reproduzidos sem questionamento. Lembramos, no entanto, que mesmo nessa modalidade de subjetivação do sujeito a identificação não é plena. Essa modalidade admite a resistência, pois a resistência é constitutiva da subjetividade. Na segunda modalidade, acontece a contraidentificação do sujeito com a FD, e a

essa corresponde o discurso do "mau-sujeito", quando "o sujeito da enunciação 'se volta' *contra o sujeito universal* por meio de uma 'tomada de posição'" (PÊCHEUX, 1997, p. 215, grifo do autor). Já na terceira modalidade, há a desidentificação do sujeito enunciador com o sujeito universal: o sujeito não se identifica com os saberes da FD e passa a identificar-se com outra FD.

Desse modo, da contraidentificação e da desidentificação dos sujeitos em relação à ideologia patriarcal, outras relações entre os gêneros podem se estabelecer. Isso significa que, a partir das duas modalidades derivadas da identificação, isto é, a contraidentificação e a desidentificação, seria possível resistir à dominação do saber hegemônico. Nesse sentido, a sociedade patriarcal sofreria, como consequência dessas duas modalidades de subjetivação, efeitos de deslocamento à dominação masculina para uma posição não hegemônica. Segundo Pêcheux (2008, p. 53), "um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro", o que garante esse deslocamento. Contudo, conforme vemos aqui, parece que as formas de resistência têm provocado o aumento da violência; se não há mais poder, há dominação pela violência.

Embora Pêcheux e Foucault partam de perspectivas epistemológicas diferentes, cabe aqui trazer considerações da teoria foucaultiana sobre o poder, porque entendemos que ela contribui para a nossa discussão. Foucault, em suas investigações sobre os efeitos de poder, refere que o poder não existe a priori emanando de algo ou alguém: "o poder consiste, na realidade, em relações, lél um feixe mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado, de relações" (FOUCAULT, 1984, p. 248). O poder constitui-se, então, em relações de poder permeadas por relações de força que são reproduzidas "nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem, até nos corpos de uns e de outros" (FOUCAULT, 2005, p. 23).

Entendemos as relações de gênero como relações de poder estabelecidas de forma desigual,

em que é naturalizada, pelos aparelhos (ideológicos e repressivo), a dominância do gênero cisheteronormativo masculino sobre os demais. Segundo Foucault (2004), as relações de poder, entretanto, nunca são totalmente estáveis ou imutáveis, existindo espaço para resistência na medida em que o poder pressupõe a liberdade do sujeito para rebelar-se, ainda que esta seja em alguns casos por deveras limitada.

Pêcheux (1997, p. 304) aponta para o caráter relacional entre dominação e resistência, afirmando que "não há dominação sem resistência". A própria condenação judicial do humorista pela publicação do vídeo que constitui nosso *corpus* de pesquisa é interpretada como um gesto de resistência diante da dominação masculina. As insinuações referentes à mulher, caracterizada como "puta", e gestos como o esfregar dos papéis no pênis, que, talvez, em outro momento histórico, não tivessem tamanha repercussão negativa, mas que resultaram em uma condenação judicial por injúria, apontam para a importância dos movimentos feministas na desnaturalização da violência de gênero. Diante de uma relação de poder desigual, a resistência à ideologia hegemônica busca promover uma desestabilização nas redes de filiação. Conforme Pêcheux (1990, p. 17):

É através destas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir do qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz o acontecimento histórico, rompendo o círculo da repetição.

Conforme Foucault (1995, p. 244), o "exercício do poder consiste em 'conduzir condutas' e em ordenar a probabilidade". Diante do poder conferido a Danilo pelo gênero, não estava na probabilidade das condutas que poderiam ser assumidas nessa situação que Maria do Rosário exigisse o apagamento dos tweets publicados em 2016. Essa conduta inesperada leva o poder a recorrer à violência, no caso à violência de gênero, na tentativa de voltar a conduzir a deputada, conduzi-la a uma posição de subordinação.

Esta deve deparar-se com a ofensa e, no lugar de questioná-la e buscar retratação (pela notificação), deve aceitá-la; caso contrário, a próxima ofensa pode e deverá ser mais agressiva a fim de reprimi-la (publicação do vídeo nas redes sociais).

Magalhães (2008, p. 34), a partir da teorização de Foucault, diz que "conduta" é ao mesmo tempo o ato de "conduzir" os outros e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades". Compreendemos, assim, que o poder nas relações de gênero se dá pela "condução das condutas" do gênero dominado pelo gênero dominante. Às mulheres corresponde um campo de possibilidades que é estabelecido pelos homens; nele a liberdade se dá na medida em que esse campo é mais ou menos flexível. Ao ocupar um posto de poder, Maria do Rosário torna-se mais exposta à violência, uma vez que, para a reprodução do discurso patriarcal, é necessária a marginalização das mulheres, de tal modo que, no discurso analisado, Maria do Rosário parece usurpar de um posto que não é seu: a posição de deputado é para o homem, a deputada só pode existir enquanto puta. De modo paradoxal, quanto mais questionadora a mulher se apresentar, mais estará sujeita à violência.

Desordenar o instituído, aquilo que define os pressupostos constituintes da construção identitária, pode gerar a violência contra o gênero, e "essa violência tem muitas caras, algumas disfarçadas de tradição, de moralidade, outras sem disfarce algum, mas sempre carregadas de algum tipo ou quantidade de poder que lhes permitam violentar em alguma extensão" (STREY, 2012, p. 52). Concordando que essa violência tem muitas caras, diríamos também que ela pode ter a cara do humor que, mesmo a disfarçando, reproduz a opressão de gênero. Talvez justamente por disfarçá-la o humor reproduza essa opressão pois, quanto mais sutil a violência, mais difícil é sua visibilização e combate.

Com base em todos os elementos supracitados, percebemos as relações de gênero vigentes em nossa conjuntura social moldadas pelo poder de dominância dos homens; este poder, no entanto, não se apresenta em sua forma pura em que

a violência não seria um instrumento necessário, mas amparado por esta diante do emergente questionamento de sua validade. A dominação é exercida na articulação das relações de poder (condução de condutas) com as relações de violência (aniquilação do outro).

Discursivamente, temos consolidada em nossa formação social uma rede de saberes que prevê a opressão da mulher ao homem. Tais saberes são reproduzidos pelos aparelhos ideológicos de estado (AIE) que constituem, conforme Althusser (1985, p. 68), "um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas", tais como a instituição religiosa, a escolar, a familiar, a midiática, dentre outras. Em sua teorização, o autor pesquisava o funcionamento dos AIE na reprodução das relações de produção, que seriam, em última instância, relações de exploração; em nosso estudo, entendemos que os AIE funcionam de modo parecido na reprodução das relações de gênero que também constituem, em última instância, relações de exploração e opressão.

Tomemos como exemplo a dupla jornada de trabalho das mulheres evidenciada pela ideologia cisheteropatriarcal como algo natural e não construído. A interpelação é tão eficiente na construção das evidências que a grande massa de mulheres não questiona por que, ao chegar em casa depois do horário comercial, o homem descansa e a mulher cuida da casa e dos filhos. Além de ter trabalho remunerado, ela é responsável pelo trabalho reprodutivo - pelo trabalho que gera a força de trabalho na nossa formação social; exerce a função de cozinheira, faxineira e babá sem esse reconhecimento porque essa relação, pelo trabalho da ideologia, e aí compreendidos os AIE, se tornou evidente. Entendemos, desse modo, que a reprodução das relações de gênero se dá nos AIE.

Conforme o autor, os AIE funcionam fundamentalmente por meio da ideologia; todavia, não quer dizer que estes sejam incompatíveis à violência; ainda que de forma menos evidente, a violência é presente nos AIE. Estes são determinados pelo aparelho repressivo (ARE), que,

por meio da repressão, da violência, da censura, garante condições para o funcionamento dos AIE. É importante lembrar que o ARE é determinado pelo poder de Estado, ou seja, pela ideologia dominante, pela classe que detiver o poder. Assim, ele determina os AIE que estabelece as relações de produção e reprodução das relações de poder com base no que a classe dominante estabeleceu.

Entendemos que as instituições que correspondem aos AIE reproduzem a ideologia hegemônica do patriarcado e mantém as relações de poder relativamente estáveis. Na disputa de sentidos pela posição dominante, os AIE são fundamentais, pois, conforme o autor, "*nenhuma classe pode, de forma duradoura, deter o poder de Estado sem exercer ao mesmo tempo sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado*" (ALTHUSSER, 1985, p. 71, grifo do autor). Assim como reproduzem a ideologia dominante, os AIE podem constituir meios à reprodução da resistência.

Segundo Pêcheux, nos AIE as posições ideológicas se dão em relações de antagonismo, aliança ou dominação. Assim, as posições ideológicas ou estão em concordância, ou uma subjugada à outra ou em posição de confronto. Das relações de antagonismo emerge a resistência à ideologia hegemônica. Entendemos as questões jurídicas na diminuição da dominância masculina como efeito do confronto da posição dominante patriarcal com a posição subjugada pró-igualdade de gênero. Em outras palavras, historicamente os homens são conduzidos a postos de privilégio que mantêm a ordem jurídico-político-ideológica do patriarcado, são os homens que estão prioritariamente nessas funções de tomada de decisão. Já as mulheres são conduzidas ao trabalho reprodutivo, ao trabalho de cuidado, ou seja, elas são afastadas das estruturas que podem promover deslizamentos na reprodução do patriarcado. Se não tivermos deputadas eleitas, por exemplo, dificilmente haverá leis no sentido de promover uma maior igualdade de gênero.

Diante da ameaça de desestabilização das relações de dominância que garantiam ao ho-

mem uma posição superior nas relações de força estabelecidas pela ideologia do patriarcado emerge a violência. Strey (2012), com base em Heleieth Saffioti, estabelece relações entre poder, impotência e violência na construção histórica dos homens. A partir do poder dado aos homens pela sociedade, estes inexperenciaram a impotência e, diante da incapacidade em lidar com a impotência, emerge a violência, caracterizada como "síndrome do pequeno poder" que lhes garante o poder pelo gênero.

É nesse pequeno poder que Danilo se respalda para agredir Maria do Rosário: ambos são pessoas brancas, de classe abastada e escolarizados, mas, quanto ao gênero, ela fica em posição dominada, pois o homem cisheteronormativo vale mais que a mulher cisheteronormativa, vale mais do que qualquer outro lugar na formação social.

Conforme Grossi (2012), a imagem estereotipada de um homem agressivo como aquele que irrompe em explosões de raiva corrobora na manutenção da violência contra a mulher; sob a evidência dessa imagem de agressor ignora-se que a violência de gênero é estrutural e reproduzida por qualquer um, até mesmo por mulheres. Essa estereotipia também permite que a misoginia no discurso humorístico seja invisibilizada, pois, nele, o ódio não se apresenta como explosão e sim como pilhéria. Por meio da materialização da ideologia na linguagem, podemos pesquisar as relações construídas entre os sujeitos. Em nosso *corpus*, a ideologia se materializa tanto na língua quanto nos gestos, nos sons, nos enquadramentos da câmera. A partir da materialidade do *corpus* discursivo compreendemos o funcionamento de uma posição sujeito misógina, caracterizada pela incapacidade de tolerar a mulher que não conforma os padrões estabelecidos pela ideologia hegemônica, pelo desejo de aniquilação dessa, e pelo prazer em produzir seu sofrimento e humilhação.

A violência pode ser exercida de diversas formas e todas elas pressupõem que danos sejam causados ao seu alvo. A violência contra a mulher pode ser exercida de forma física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral, em todos os casos

a dignidade da mulher é atingida. Uma das especificidades da violência é a humilhação. Ansart (2005), em seu estudo sobre as humilhações políticas, diz que, por humilhação, entende-se:

Uma *situação* particular na qual se opõem, em uma relação desigual, um ator (individual ou coletivo) que exerce uma influência, e, do outro lado, um agente que sofre essa influência. A situação humilhante é, por definição, racional: comporta uma agressão na qual um sujeito (individual ou coletivo) fere, ultraja uma vítima sem que seja possível uma reciprocidade (ANSART, 2005, p.15, grifo do autor).

Em nosso *corpus* de análise, identificamos a presença da violência por meio da intensa humilhação da mulher que é ofendida em sua dignidade, designada como puta e alvo de uma violência verbal de cunho sexual, conforme dito pelo humorista: "Sendo assim, Maria do Rosário, chegando a minha cartinha, abre ela, tira o conteúdo, sintá aquele cheirinho do meu saco e abra a bunda e enfie bem no meio dela tudo isso aí que eu tô mandando aí pra você". Na medida em que a deputada é ordenada a realizar essa ação com os papéis, Danilo assedia moral e sexualmente a deputada. Essa situação de humilhação é acentuada por ser exposta em uma plataforma pública, em que o ator da humilhação possui milhões de seguidores.

Destaca-se o caráter desigual da humilhação: nela os sujeitos envolvidos encontram-se em uma relação de dominação e subjugação, dificultando a reação daquele que sofre a humilhação. Segundo Ansart (2005), a humilhação é impotência e sofrimento, este acentuado pela ignorância ou satisfação do sujeito que humilha para com o sofrimento do humilhado.

Ainda conforme o autor, a humilhação "é uma arma do poder instalado, uma arma estratégica que visa à perfeita docilidade do cidadão" (ANSART, 2005, p.18), e neste caso encontramos diante da "humilhação radicalmente destrutiva". A situação humilhante foi desencadeada pela ousadia da mulher, frente ao homem, exigindo que este apagasse publicações ofensivas a esta, fato que colocaria o homem em uma posição subalterna à mulher diante de seus apoiadores.

A humilhação pelo gênero é então exercida para afirmar uma pretensa superioridade do homem pela presença do falo e conduzir a deputada à posição subordinada esperada. Há, no entanto, a possibilidade de revolta contra a humilhação. Nessas situações, o sujeito rejeita a humilhação e busca a afirmação de sua dignidade. Por isso, entendemos a condenação judicial do humorista decorrente da denúncia de Maria do Rosário frente a humilhação exercida contra sua imagem como um ato de resistência, de rejeição da humilhação sofrida.

Ao tratar das formas de violência, Žižek (2014) menciona que, além da violência subjetiva facilmente perceptível, presente nas explosões de raiva, nas agressões físicas com agentes identificáveis, existe uma violência objetiva invisibilizada que engendra essas explosões. Perante um cenário de exacerbada violência contra as mulheres, apenas punir a violência em sua forma subjetiva não basta: é necessário investigá-la em seus contornos, em suas formas invisibilizadas, e uma destas é o humor. A violência objetiva diz respeito à violência sistêmica, advinda do sistema político e econômico, e à violência simbólica, encarnada na linguagem e em suas formas: a violência da linguagem pertence "à imposição de um certo universo de sentido" (ŽIŽEK, 2014, p. 17), podendo condensar grande quantidade de humilhações, frustrações e violências. Ao designar a deputada como puta, Danilo lhe impõe uma designação que condensa grande quantidade de humilhação e violência, porque traz uma discursividade de estigmatização e aversão às putas.

A partir das análises de Žižek sobre a manutenção do racismo através da designação do negro como inferior, propomos a pensar a manutenção do machismo pela designação da mulher como ser inferior. Segundo o autor, o ser de qualquer sujeito é um ser social e simbólico que "quando tratados como inferiores, isso os torna realmente inferiores no âmbito de sua identidade social simbólica" (ŽIŽEK, 2014, p. 55).

Na perspectiva da Análise de Discurso, os sujeitos constituem-se via interpelação ideológica e inconsciente; ao serem interpelados como infe-

riores ou superiores, reproduzem esses sentidos em seus discursos, constituindo historicamente as relações de gênero. Desse modo, o processo de interpelação age na reprodução da ideologia do patriarcado conduzindo os sujeitos a ocuparem seus lugares nas relações de poder pelo gênero, encaminhando a mulher à posição subjugada e o homem à posição dominante. Esse processo se dá de forma inconsciente e produz um efeito de naturalização das relações sociais. As relações de superioridade ou inferioridade são moldadas pela ideologia hegemônica que se vale dos aparelhos de Estado para disseminar seus pressupostos; são construções sociais que estabelecem hierarquias sociais. Em uma sociedade neoliberal e patriarcal, há uma rede de saberes que constroem as posições de superioridade. Temos como pressupostos dessa rede a capitalização de recursos, a detenção dos meios de produção e, no que diz respeito ao gênero, a adaptação ao padrão cisheteronormativo com privilégio ao homem; aos demais, cabe a inferioridade.

É a partir da "imposição de certo campo simbólico" (ŽIŽEK, 2014, p. 49), característica da linguagem, que as relações de dominação podem se manter. Pela imposição de um universo de sentidos determinou-se historicamente a inferioridade da mulher e naturalizou-se como instrumento para sua subjugação à violência. Pesquisar a violência sob uma perspectiva discursiva pressupõe entendê-la a partir das condições sócio-histórico-ideológicas e do simbólico.

A violência exercida por meio da linguagem é eficaz em manter a dominação de gênero na medida em que é mais sutil e mais aceita do que a violência física. Em nosso *corpus*, a violência é ainda mais sutil uma vez que está travestida de piada, de brincadeira. O choque ao presenciar cenas de agressões físicas, com socos, chutes etc., é muito maior do que o choque ao testemunhar uma agressão verbal. Por parecer de importância menor, a violência exercida pela linguagem vai passando despercebida, e gerando efeitos. Sabemos, a partir de Pêcheux, que a língua é a base material por excelência onde a ideologia se materializa, e a ideologia machista

reproduzida na língua pode culminar na violência exercida fisicamente. Assim, parece-nos que o discurso humorístico utiliza com propriedade a violência que a linguagem pode condensar, pois, ao disfarçá-la de "brincadeira", potencializa-se sua reprodução, muitas vezes culminando na face mais perceptível da violência caracterizada como subjetiva por Žižek. Em nosso *corpus*, a linguagem que inicialmente tinha por função mediar a reconciliação entre os pares por meio da notificação da procuradoria parlamentar foi perversamente corrompida com vistas à humilhação e ao escárnio do outro.

Sob uma perspectiva materialista, não poderíamos deixar de apontar as relações entre o capital e a violência de gênero. Magalhães (2005) vê na estrutura social capitalista e na família nuclear o centro da violência de gênero, em que se restringem os espaços de circulação da mulher, uma vez que lhe é designada como esfera de trabalho a esfera privada do lar, no qual lhe é atribuída a produção da força de trabalho, não só na reprodução de indivíduos que serão inseridos no mercado de trabalho, mas na mediação e preparação dessa força para relacionar-se com as configurações sociais.

Segundo a autora, a relação entre as mulheres e o sistema capitalista é assentada na compensação, em outras palavras, o capital teria de escolher se lhe é mais vantajoso "o trabalho feminino no lar, produzindo e reproduzindo a baixo custo a força de trabalho, ou se o trabalho na produção de mercadorias" (MAGALHÃES, 2005, p. 86). De modo algum lhe é vantajoso que as mulheres trabalhem em postos de poder que possam desestruturar o estado de reprodução das coisas, posição que Maria do Rosário ocupa contrariando essas restrições.

Ainda segundo a autora, para que se possa romper com a ideologia hegemônica patriarcal é necessário atentar para as formações imaginárias construídas em torno da maternidade como a condição natural e essencial da mulher. A partir das capacidades biológicas para gestar e aleitar projetam-se na mulher estereótipos e se reduzem suas atividades à maternagem, e todas as outras

esferas da vida da mulher estão em segundo plano em relação à realização da maternagem.

Em suas entrevistas com mulheres vítimas de violência doméstica, a autora aponta para a presença de "um discurso da inevitabilidade da agressão" (MAGALHÃES, 2005, p. 32), na medida em que a superação da violência de gênero, justificada pela natureza ou pelas condições sócio-históricas, só parece ser possível no nível individual e circunstancial. Daí a importância dos movimentos feministas na desnaturalização da supremacia do homem. A violência de gênero é consequência de uma estrutura que funciona em hierarquias, que tem como condição para seu funcionamento a subjugação de um outro. A passagem ao ato é somente efeito dessa estrutura que, ao se perceber ameaçada por práticas de resistência, retorna com maior violência para extingui-las.

Considerações finais

Ao investigarmos as relações de gênero construídas historicamente, apontamos para a constante atuação da violência na construção da dominação masculina. Apesar de identificarmos alguns avanços no que concerne à punição dos agressores que exercem violência física, há ainda diversos mecanismos que buscam invisibilizar a violência enquanto estrutura das relações de gênero, sendo que o humor é um destes.

No *corpus*, a violência de gênero foi identificada a partir da imposição da designação que apaga a atuação política da deputada, conduzindo-a a uma posição de submissão e marginalização. Ela está presente também no assédio moral e sexual executado pelo gesto de Danilo referentes ao momento em que a notificação de Maria do Rosário é destinada à genitália, bem como na ordem para introjetar os papéis destruídos em uma parte de seu corpo, mostrando, mais uma vez, como a posição masculina dominante se entende como detentora/controladora do corpo da mulher. Tais elementos constroem a humilhação da deputada diante do público de Danilo e dos próprios eleitores da deputada, uma vez que o vídeo teve grande repercussão por se

tratar de pessoas públicas em posições de alta visibilidade no país. A violência, no entanto, é articulada a mecanismos do discurso humorístico como, por exemplo, a sugestão na designação, que não é de fato enunciada, e na inserção de elementos musicais inesperados na produção que constroem o riso como estratégia para suavizá-la e, desse modo, reproduzi-la.

Em nosso gesto analítico, identificamos no *corpus* o discurso do bom sujeito da FD machista. Este, para continuar reproduzindo as relações de violência entre o gênero hegemônico e o não hegemônico, necessárias à reprodução da FD, se vale do humor por sua aceitabilidade na sociedade. Sabemos que a ideologia é bastante eficiente no sentido de garantir sua reprodução. Quando os movimentos feministas se espraiam e as mulheres começam a garantir direitos básicos como o voto, a contracepção e o trabalho remunerado, a ideologia do patriarcado, para se manter na posição dominante, investe-se de estratégias para naturalizar suas práticas. O humor é bastante eficiente nessa tarefa. Ele reproduz os pressupostos hegemônicos sob o efeito de evidência que leva os sujeitos a dizer "não dê importância para o que digo, pois são só brincadeiras", como se "as brincadeiras" não afetassem o funcionamento das relações sociais. Apontamos, desse modo, como estratégia de manutenção pela evidência como piada a utilização do discurso humorístico na reprodução dos saberes hegemônicos respaldados na ideologia patriarcal.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ANSART, Pierre. As Humilhações Políticas. In: MARSON, Isabel Andrade; NAXARA, Márcia (org.). *Sobre a Humilhação*: Sentimentos, Gestos, Palavras. Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 15-48.
- ARENDRT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GROSSI, Patricia Krieger. *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

LUNKES, Fernanda. Gestos de violência contra a mulher: uma análise discursiva. In: GARCIA, Dantielli Assumpção; SOARES, Alexandre Ferrari (org.). *De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso*. Campinas: Pontes, 2019. p. 189-205.

STREY, Marlene Neves; WERBA, Graziela. Longe dos olhos, longe do coração. In: GROSSI, Patricia (org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 73-82.

MAGALHÃES, Belmira. *As marcas do corpo contando a história: um estudo sobre a violência doméstica*. Maceió: EDUFAL, 2005.

MAGALHÃES, Theresa Calvete de. Violência e/ou política. In: PASSOS, Izabel Christina Friche. (org.). *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 23-40.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. Ed. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de estudos linguísticos*, [S. l.], n. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência*. São Paulo: Boitempo, 2014.

Bruna Vitória Tejada

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em Pelotas, RS, Brasil. Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em Pelotas, RS, Brasil.

Luciana Iost Vinhas

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Mestre em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), em Pelotas, RS, Brasil. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil, e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em Pelotas, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Bruna Vitória Tejada

Universidade Federal de Pelotas

Rua Gomes Carneiro, 1, Centro de Letras e Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Letras

Centro, 96010-610

Pelotas, RS, Brasil

Luciana Iost Vinhas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43221

Agronomia, 91509-900

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.